



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

**Transcrição e Tradução da Palestra do
Prof. Alfonso Masi Elizalde - 2-a - Jul/1991 -**

Psora Primária - Núcleos e Defesas

Links - (<https://vimeo.com/106294260>)
- (<http://www.ihjtkent.org.br/>)

Cinara Machado Bathich
Jun/2022

Sinopse - Nesta palestra, Masi Elizalde apresenta o conceito da gênese da doença do homem, o conceito de desequilíbrio da energia vital e sua conseqüente suscetibilidade. Volta aos conceitos dos grandes mestres clássicos, desenvolve o conceito da Psora Primária e seus núcleos (nostalgia, perda, transgressão ou culpa, medo do castigo, justificação, reconciliação) e as Psora Secundária e Terciária. Ele explica o aparecimento de uma mudança somática em consonância com a individualidade da Psora e suas reações: egotrófica (sicótica) e ego e alterlítica (sifilítica).

... A dor e a angústia do homem. Fato exatamente igual aos existencialistas e aos existencialistas kentianos. O que é o que sustenta Hahnemann? **Qual é o famoso e elevado fim da existência? APROXIMAR-SE DE DEUS, TRANSCENDER:** é assim que está todo o conteúdo.

Isto é o que eu digo que Hering soube ver: por qual casualidade disse Hering que, “da visão correta dos sintomas obtidos pela experimentação feita com *Camphora* e *Opium*, depende todo o progresso de nossa escola? ” Seria ser bastante pouco compreensivo ou desmerecer muito a Hering se pensássemos que uma mente desse quilate, estaria fazendo depender todo o progresso de uma escola médica de um conhecimento minucioso dos sintomas de dois medicamentos. Porque, então, seria uma espécie de delírio a perseguição de uma panaceia universal. Estudem bem esses dois medicamentos e esse será o grande progresso que pode alcançar a escola homeopática? Não! O que acontece é que Hering como todos os grandes homeopatas, soube entender a mensagem, aquela do espírito doutrinário, aquela que Hahnemann sentia que sua possibilidade de expressão lhe escapava, mas ele sabia que estava lançando essa mensagem de forma disfarçada. Isto é muito importante porque coincide com **todo o esquema referencial** que estamos seguindo.



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

O que diz o tomismo? Que todo ser criado tem dois movimentos básicos e conaturais: o **primeiro movimento** é aquele o coloca como **Ser**; e o **segundo movimento** é aquele de elevar-se o mais próximo possível à sua origem, isto é, **aproximar-se a Deus**.

O que disse Hahnemann? **O elevado fim da existência é aproximar-se a Deus**. A saúde para que serve? Para possibilitar isso. Quer dizer, a saúde para Hahnemann está subordinada ao elevado fim da existência. Então o que ocorre? Como é conatural do Ser Humano esse impulso transcendente, esse movimento transcendente, esse movimento de volta de aproximação à sua origem, a única forma em que os estamentos, os planos hierarquicamente inferiores, podem ir confirmando-se em sua natureza de vida, e aperfeiçoá-la, é cumprindo esse movimento.

Quando o Homem por seu livre arbítrio torce esse movimento e, ao invés de ir ao transcendente, quer ser ele **mesmo seu fim**; por isso temos que entender o reverso do que afirma Hahnemann, que se não se cumpre isso, aparece a enfermidade. Por quê? Porque o homem ao torcer uma força natural degrada sua natureza, a enferma e aparece a afetação mórbida da força vital por distorcer a natureza.

E, todavia, encontramos uma pontuação muito importante e maior: tudo isso que estamos dizendo do ATRIBUTO DIVINO, que cada pedaço de Adão invejou em Deus, atenção como o tomamos, porque não estamos dizendo a verdade e sim um aspecto da verdade. Quem atribuiu os atributos divinos a Deus? **NÓS**, quer dizer, nós outorgamos a Deus condições de nós, os homens, porém em um grau superlativo; porém não deixamos de estar atribuindo elementos extraídos de outros homens ou de nós mesmos.

Está bem que, quando dizemos **Deus é infinitamente Bom, Deus tem a Bondade**, nós extraímos o critério de bondade de um homem bom.

Deus é **Bom**, Deus é **Onipotente**, é **Onipresente**, tem todo estes atributos, porém não tem na forma que temos nós: nós temos uma onipresença imaginada como humanos, uma onipotência imaginada como humanos, porém não é assim, porque se fosse assim quer dizer que não seria DEUS, que é **INFINITO** e **INALCANÇÁVEL** pela mente humana. E vejam como voltamos a uma plena patogenesia da enfermidade em sua causa última.

Com esta análise temos que a essência do PECADO foi nada mais que dizer “QUERO SER COMO DEUS”. Até aí tudo bem, porém a natureza do pecado foi querer ser um homem deformado, porque o que nós invejamos de Deus não é exatamente como Deus.

Adão projetou uma imagem humana superlativa, para dizer muito grosseiramente, deu um número de calçado que não correspondia a ele; então, querendo ser como **Deus**, o que quis na realidade foi ser **um homem deformado e se deformou**.



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

Era um **Deus humano** o que imaginava Adão, **quis ser um Deus humano**: por que como vai querer ser Deus, se não pode saber como é Deus?

O importante é isso, quis ser um **Deus humano** que não é **O Transcendente**, que não é **O Absoluto**, portanto enviou essa força conatural da transcendência a um falso objetivo, distorceu a natureza, mudou a energia vital, produziu a afetação mórbida: isso enquanto *Camphora*.

Em *Opium* a Psora Primária é mais disfarçada, em muitos aspectos tem mais simbolismo, mas há um que é claro, evidente. *Opium* é o resumo da nostalgia pelo paraíso e a beatitude que havia no paraíso; diz isso claramente, passa desenhando o mapa do paraíso todos os dias, quer voltar ao paraíso, todas as noites visita o paraíso, e quando está lá diz exatamente a palavra: “**sinto a Beatitude na alma**”, que o abandona quando volta para cá. É uma nostalgia tremenda.

Assim que, entre *Camphora* e *Opium*, Hering tinha razão, poderíamos alcançar todo o progresso de nossa escola porque implicava em chegar ao conhecimento profundo e sem nuvens, sem máscaras, sem pontos duvidosos, do que é a **enfermidade do homem**.

Agora sim, porque o progresso de uma escola médica, fundamentalmente, se obtém da compreensão daquilo que é o objetivo: que é a enfermidade.

Para mim, isto é uma prova bem evidente de uma coisa que ele afirmou, se vocês querem por dedução; porém cada dia me convenço mais, eu lhes disse uma vez que um dos elementos fundamentais para fazer a exegese da obra hahnemanniana, foi tratar de entender as características pessoais de Hahnemann, porque eu não posso fazer uma exegese sem colocar-me na pele do autor da obra. Que uma das coisas que mais chamava a atenção, era sua honestidade, uma virtude; porque um senhor que é rico, que é famoso, que é considerado, que mais êxito em sua profissão não poderia ter, chega a uma conclusão de que tudo isso está edificado em uma prática que não é correta e abandona tudo e ficou na pobreza? Ganhou a fúria da mulher que nunca jamais o perdoou.

Então eu não podia conceber que um sujeito dessa honestidade, proibisse as especulações metafísicas e depois se dedicou a edificar um corpo doutrinário absolutamente metafísico e especulativo; não podia ser, além de que o disse com tom dogmático e não tolerava que ninguém discutisse, era terminante. Não era digno de Hahnemann isso. Depois lendo os Escritos Menores, encontrei que ele não proibia a especulação filosófica como disseram, se não *a priori* da observação do fato experimental; porém, depois obriga a especulação com base no fato experimental ou clínico. Isso me levou a sustentar o que disse antes: que eu creio que todos os aspectos filosóficos, religiosos, que há na doutrina homeopática, se veem facilitados por um conhecimento anterior de Hahnemann: posteriormente, Hahnemann se permite expô-



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

lo em forma dogmática, porque acreditava ver na confirmação experimental de que **são as alterações das atividades da alma que provocam as patogenesias.**

E depois vem Hering e me diz isto: “*Que toda compreensão, todo o progresso de nossa escola está em compreender bem, em ter a visão correta dos sintomas de Camphora e Opium.*”

E o que vemos em *Camphora* e *Opium*? Vemos explicitamente exposto o que nós chamamos de Psora Primária, e que as filosofias existencialistas chamam de angústia existencial determinada pelo quê? Pelo conflito, diríamos pessoal, entre o **homem e DEUS. A aproximação de Deus, o afastamento de Deus.**

Então, vai se somando: Hahnemann disse isto; Hering disse isto; Hempel disse que a doutrina do pecado original e a doutrina da Psora Primária têm que se iluminar por seus pontos em comum e comprovar seus pressupostos; Allen disse que devemos deixar de colocar a culpa nos micróbios, no clima, nas circunstâncias exteriores, se o próprio Criador nos disse claramente que por detrás de todos os males do homem está o **pecado**; Kent pede a seus alunos que não somente aceitem a Bíblia como verdade histórica, mas também como verdade revelada; entretanto, depois disse que “em meus ensinamentos disso não falo nunca”, mas fez muito mal não falando, porque deixou uma quantidade de descontinuidades na fundamentação de muitas afirmações; não se sabe porque ele disse isso, mas se voltarmos a isso que escapou, veremos que o que aconteceu é que ele esteve analisando a problemática do homem à luz da palavra revelada e voltamos ao mesmo ponto.

Agora, desgraçadamente, são muito poucos os que souberam ver nas patogenesias esta profundidade de alteração: que por trás de todos os sintomas de caráter, de temperamento, do instintivo, das paixões da alma, digamos, mais tumultuosas, mais grosseiras, mais chamativas, **se escondia um problema de tipo metafísico**; porém, que casualidade que os que descobriram foram os que seguem a doutrina.

Então, temos perfeitamente fundamentado pelos clássicos o que sustentamos. Que a Psora Primária, pelo que vemos nas patogenesias, **é a recordação personalizada do que o Homem foi, do que o Homem teve, de como o perdeu, de por que o perdeu?** E isso é importante que esclareçamos, porque tem uma conotação prática fundamental, quer dizer, a compreensão ou a possibilidade de estabelecer uma hipótese verdadeira sobre a Psora Primária e não nos confundirmos com classificações.

O que é a Psora Primária? É essa recordação que está maculando, como diz sua origem etimológica, **manchando a imaginação do homem**; porém, entendamos que isso é uma **recordação do pecado** expresso simbolicamente.

O pecado tem em si os três movimentos dos futuros miasmas; porém, neste momento não se pode chamar miasma, porque pertence ao âmbito do pecado: por isso



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

falamos de **Pré-Psora, Pré-Sífilis e Pré-Sicose**; porém a **Pré-Psora, a Pré-Sífilis e a Pré-Sicose** devemos classificar as três como sendo Psóricas - **PSÓRICAS PRIMÁRIAS**, porque formam parte do argumento que está em nossa imaginação, que é o núcleo inicial do que depois vai ser a enfermidade e, aí sim, podemos chamar de **Psórico, Sifilítico e Sicótico**; mas nesse estágio prévio não, e se os utilizarmos para compreender o tipo de movimento que indicam essas sensações, essas ilusões, devemos agregar o Pré; porém, todavia não é enfermidade, por quê? Porque suponhamos uma pessoa que saiba qual é fim transcendente da existência, que é a evolução espiritual e que chegue à sabedoria, e que adquira os conhecimentos suficientes, e que dá a resposta correta; e tudo isso faz, presumivelmente, quando está melhor, quando está em melhores condições, que é quando está na **Psora Primária está Latente**, quer dizer, não provoca angústia; então, o sujeito com todos esses conhecimentos, todo esse ângulo de visão, trata de entender a si mesmo, de cumprir a máxima “*conhecer a si mesmo*”; conhecer a si mesmo é conhecer esse pedaço de Adão que temos dentro por herança.

Se com este conhecimento, se dedicado a isto, o homem lhe dá respostas verdadeiras a essas incógnitas, a Psora não passa a Vigente; se o homem se explica a si mesmo: “*não tenho que buscar a causa do meu sofrimento, não tenho que buscar a causa das minhas inferioridades e de minhas imperfeições no meio temporal, senão que tenho que reconhecer, aceitar minha existência transtemporal como Adão, herdada através dos cromossomas*”; e entende que no seu interior a única (coisa) que tem é a história do processo pelo qual perdeu tudo isso e que, nessa forma personalizada, está **seu caminho de reparação**, está o argumento que tem que seguir para cumprir com o aspecto de reparação que lhe corresponde: **encontra a paz**. Porque conheceu a si mesmo, porque recuperou, poderíamos dizer, quase a certeza da existência de Deus e percebeu o movimento mútuo, a corrente mútua de amor entre Deus e ele: **esse homem não se enferma**.

Então, a sintomatologia que fala dessa Psora Primária, mesmo que tenha visto aqui na Terra um significado de soberba, de desconformidade ou recordação do surgimento da vulnerabilidade e da morte, é Psórico Primário, por mais tendência sicótica, sifilítica ou psórica que se manifeste. Isso tudo formam parte, são todos os passos, são as sementes, digamos assim, do que depois pode florescer ou não, de acordo com que o homem faça consigo mesmo.

Então, na Psora Primária estão prefiguradas as três possibilidades: a **Psora Secundária, a Sicose e a Sífilis**; porém, todavia, não são: são psóricos primários. Como detectamos? Porque não têm conotação com o meio, porque a forma que o expressa evidentemente isso nunca aconteceu; excitada a **imaginação** pelo medicamento, surge do inconsciente ao consciente de forma simbólica; porém é **como**



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

se, mas nunca ocorreu ou como diz o enfermo “sem causa”. Então, de onde vem? De dentro; nunca teve uma justificativa E são sensações que surgem da imaginação, como falamos hoje de *Thuja*, de como classificamos o famoso egocentrismo, em que se deleita extraordinariamente. É uma **sensação**, não é nenhum elemento que ela sacou do meio, não é “*frente a tal situação eu me sinto assim por uma conquista obtida tive uma direção egocêntrica extraordinária*”, de nenhuma maneira, é uma coisa que surgiu espontaneamente, esse seu sentimento de egocentrismo que o leva à satisfação de que tudo gira ao seu redor; imagina, creio, que inclusive disse o experimentador que “tudo gira ao seu redor”. Então, tem um aspecto sicótico, porém deve denominar-se Pré-Sicótico e na classificação pertence à Psora Primária.

O que acontece é como estão essas três características, como o homem tem seus conhecimentos prévios ao seu nascimento e à sua experiência temporal; tudo isso está dando motivos a juízos pré-conscientes ou inconscientes, a toda atividade em que o homem está deliberando sobre essa situação. Então, tem em si mesmo frente à problemática de tipo angustiosa, as sensações de não ser perfeito, de não ser íntegro, de não ser imune, tem também a semente da equivocação, de tratar de resolver como fez Adão, de resolver essa desconformidade pela soberba ou de resolvê-la pela **fuga** ou pela **agressão**.

Então faz o **juízo e elege** subconscientemente ou inconscientemente melhor, dizendo ou pré-conscientemente. Com essa decisão enfoca aqueles elementos do meio que lhe simbolizem, que lhe fale em linguagem simbólica e lhe toque esse drama pessoal, essa visão personalizada do pecado: então **vai julgar com uma lente deformada**; e aí é onde o meio ou o médico vão perceber. O sujeito está claramente afirmando que ele sente que isto é assim e todos vemos que é assado (que não é assim). Ele crê, ele se sente abandonado e todos os demais dizem “não, nós gostamos muito dele”; o médico vai revisar as circunstâncias e vai dizer: “*Não, efetivamente, esse senhor não tem porque dizer que está se sentindo abandonado*”. Vamos conversar porque não é ele com seu consciente que está julgando, já existe um **juízo** que é emitido inconscientemente. Então aí vem, diante dessa observação deformada: vou encaixar toda uma decisão defensiva também.

O miasma não é mais que a forma, o mecanismo desencadeado matematicamente, pelo qual se cumpre aquilo de que, quando o homem se afasta do que deve ser, distorceu sua natureza e essa distorção tem o mesmo sentido do equívoco: aquele aspecto da ordem que esse senhor não quis obedecer, se reverte e se converte em seu sofrimento. Isto é muito importante captá-lo. Esta questão de Pré-Sicose, Pré-Psora e Pré-Sífilis leva à grande facilidade de confundir-nos quando fazemos as dinâmicas, e classificamos logo como Sicose, e não entendemos o papel que desempenham na gênese da enfermidade, e nisso que se diz desse Ato Humano, desse juízo emitido por uma deliberação realizada



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

pelo inconsciente ou ao sub ou pré-consciente. Então tudo aquilo que realizamos no consciente, todo nosso juízo, tem uma atividade paralela inconsciente. Quando trazemos ao consciente comandarão essas decisões, nossas ações que serão boas ou más, morais ou não morais.

Quando se realizam no inconsciente têm como resultante a enfermidade, em um sentido coerente com o sentido da perturbação realizada nos planos superiores. E em nossos juízos feitos no inconsciente, como disse antes, recentemente, influem quando o juízo se deve emitir sobre aquilo que toca nosso tendão de Aquiles, nosso **núcleo endógeno se deforma**. Então, acreditamos que estamos emitindo um juízo que estamos fundamentando, que é perfeitamente correto, que isso é o que corresponde fazer, estamos preconceituosos, estamos deformando a realidade, e por detrás dessa realidade deformada, que é a Psora Secundária, vem a estruturação das defesas que também são equivocadas.

Bem, falamos que íamos conversar, e eu falei sozinho: têm alguma pergunta para fazer sobre isso?

Isto é fundamental que fique claro, porque isto é a essência da causa da enfermidade, estamos falando da **causa última da enfermidade humana**. Entendendo as coisas ou a conformação do homem como **um composto substancial de alma e corpo**, nos é claro tudo que disse Hahnemann. Nesse esquema, os movimentos das potências superiores da alma penetram, obrigatoriamente, o segmento no mesmo sentido por parte das potências inferiores.

Falemos de **Força Vital**.

Força vital de acordo com a definição de Hahnemann pode se sobrepor às Potencias Vegetativas, que são as encarregadas de nos dar um corpo. Para X quantidade e qualidade de Energia Vital, eu tenho obrigatoriamente o corpo X e vou manter esse corpo X que me é devido a minha alma vegetativa que é a **forma** desse corpo, **forma do ponto de vista filosófico**, e esse corpo vai responder absolutamente, digamos assim, a todas as potencialidades dessa **forma, dessa alma**. Se me mantenho nisso, meu corpo se manterá “São”, porém não somente tenho que mantê-lo, senão que tenho que aperfeiçoá-lo, porque senão o estatismo (inércia) leva à degradação também porque não estou cumprindo o que deveria cumprir, quer dizer, tenho a obrigação de não ficar nisso; o normal é seguir avançando, como dissemos recentemente, cada vez ser mais, isso é o que satisfaz a natureza.

Então minha Energia vai estar proporcional e aí podemos colocar o esquema da energia e da massa: vai ter um corpo devido a sua quantidade e sua qualidade. ($E = m.c^2$)



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

Se a parte superior de todo esse esquema¹ que comanda as inferiores, adota o contrário, em vez de cumprir o impulso natural de ser cada vez mais, distorce essa força, distorce tudo o que se segue - fundamentalmente o vegetativo. Então, esse corpo tem que ser diferente obrigatoriamente: **tenho outra energia tenho que ter outro corpo**. Então vou ter outra necessidade nutritiva, outra necessidade aumentativa se estou em período de crescimento, e outra forma de gerar - a generativa também vai ser distinta.

Que valha o paradoxo: para a Força Vital deformada esse é o corpo normal, por isso não podemos ir de encontro (contra) a entidade clínica; sabemos que não é boa, sabemos que termina mal, mas não podemos contrariar porque é resultado de uma necessidade matemática, é obrigatória. Então, o que acontece ao modificar isso: o que está a serviço do cumprimento do vegetativo, que é o sensitivo, muda.

Se eu já não posso ter um fígado de dois quilos e meio, senão que tenho que ter um fígado de quatro quilos para que esteja de acordo com minha nova Alma Vegetativa ou Força Vital vou necessitar de outros elementos do meio ambiente; então vou **desejar** diferentemente e, posteriormente, vou **atuar** diferentemente para conseguir minha nova necessidade: aparecem os **desejos e aversões, as mudanças no sentir e atuar como dizia Hahnemann**, porque são expressões de uma nova necessidade.

O que ocorre é que até aqui estamos analisando, partindo de um esquema quase ideal no sentido em que estamos encarando como se realmente fosse absolutamente adequada a mudança orgânica com a mudança energética; porém, aí está a compreensão novamente das considerações do tipo metafísico, porque uma das condições que perdemos foi a **integridade**, quer dizer, a capacidade de como levar ao bom fim essa adequação perfeita entre a energia e a massa; então, está bem que, de certa forma a **lesão, a forma**, dita de outra maneira, a nova forma corporal devida à nova mudança energética, porém não totalmente; já no estado de afetação não alcança nunca a equilibrar-se totalmente e, além disso, essa falta de capacidade para chegar a cumprir com o equilíbrio total em uma nova forma, nem sequer pode manter-se no grau alcançado, esse grau não perfeito de adequação, tão pouco pode se manter até aí, “*cheguei até aqui e aqui fico*”. Não! **Aí se vê que não temos integridade**, porque não somente não completamos o esforço, senão que chegamos até um ponto e depois seguimos cada vez menos, menos, menos à adequação: isso se conhece como **perda da integridade**.

Então, por isso vem um aparente paradoxo: não atacemos - a lesão é boa - porém, **tão pouco imitemos a natureza**, que é o que realmente disse Hahnemann; porque não tem nenhum bom fim, porque são somente esforços muito miseráveis, como

¹ Nota GEMASI - Modelo Antropológico Aristotélico-Tomista



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

disse Hahnemann, senão que também nos esclarece e não vai poder manter por muito tempo, cada vez vai agravando mais.

Eu diria que o que podemos afirmar que o que faz o *simillimum* é **dotar o organismo de um pouco mais de integridade que a que possuía**; vemos naqueles casos em que já há lesões que, por muito estruturadas que estejam, são irreversíveis e que diante do medicamento homeopático vemos que faz um pouco mais do que gozava: agravação homeopática; a lesão cresce, o sujeito sentindo-se bem, como um indicativo que detectou uma melhoria em sua vitalidade e, aí sim, se detém a coisa; não pode fazer mais, não pode completar o esforço, porém não retrocede, se estabelece a convivência entre o sujeito e sua entidade clínica – a **décima terceira observação prognóstica** - que temos que aprender a conhecer e respeitar. Então, se esse sujeito é um canceroso são durante X tempo, muito maior do que prevê a clínica para essa forma de câncer.

Este senhor é um sujeito “são” com uma hiperglicemia, porém não é um diabético: o *simillimum* o dotou de um pouco mais de integridade. Porque se o vemos de uma maneira ampliada, se com nenhum esforço da imaginação acompanhássemos o intento do câncer, o que veríamos? Que o homem se dividiria e subsistiria por divisão como os protozoários em más condições ambientais. A outra (maneira) é se enquistar, que é o que pretende fazer o esquizofrênico catatônico: exatamente igual ao protozoário. O que acontece é que o esquizofrênico catatônico detém a vida, ficando como uma estátua durante o tempo que pode, porque segue se degradando; nem no câncer, por mais diferenciado que chega a ser, nos permite dividir-nos em dois sujeitos iguais.

Então insisto nos resultados do trabalho: na Psora Primária estão as sementes, estão o esboço do que vão ser, depois, os três miasmas de acordo com o que o sujeito faz com sua Psora Primária Latente.

Pergunta de Erasto: a pré-sicose seria o Pecado?

Masi: de soberba.

Erasto: implica em uma ação voluntária?

Masi: uma ação voluntária em nossos antepassados.

Erasto: mas é um equívoco que ele assume?

Masi: que era sua responsabilidade.

Então não podemos falar de enfermidade onde intervém o livre arbítrio. O que acontece é que depois essa semente, que herdamos com todas as possibilidades latentes, pode despertar-se fora do controle de nossa vontade, como eu disse recentemente; então vai intervir no plano do inconsciente ou pré-consciente.



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

Erasto: é sempre na pré-sicose, ou pode ser na pré-sífilis ou pré-psora esse pecado?

Masi: não podemos diferenciar: são três facetas do mesmo processo. Desconformidade. Resolução da desconformidade pela soberba. Desconformidade com o que se tem, resolução pela soberba querendo ser mais; a consequência mecânica dessa distorção da natureza, o contrário, é ser menos. Não podemos fazer uma diferenciação, são três ingredientes do pecado. **Primeira desconformidade** que é a pré-psora: *“não estou satisfeito com o que sou, não sei reconhecer que isso é o melhor que posso ser neste momento, posso melhorá-lo se vou em uma boa direção”*. A desconformidade se resolve por um movimento na má direção: quer ser mais, *“quero ser um super-homem”*. Ele acreditou que esse super-homem era ser Deus. Não, não era Deus! Como expliquei antes, por essa distorção da natureza aparece exatamente o contrário. Em vez de ser super invulnerável, se converte em vulnerável, se converte em mortal, se converte em pouco íntegro.

Pergunta: como castigo?

Masi: Não falemos de castigo, são mecanismos, é uma mecânica obrigatória, não há castigo, porque castigo implica que alguém impôs de fora: não, não! Em todo caso falemos em auto castigo, porém tão pouco é castigo. É o desencadeamento de um processo mecânico: *“aqui está a lei, enquanto cumpro a lei, permaneço; se me afastar da lei, que é a norma de subsistência, me degrado e morro”*. O único que existe é permissão de Deus, que isso se ponha em marcha; se Ele quiser pode detê-lo porque é todo poderoso; porém não é que Deus nos castigue: não, não! Deus pôs a lei e está em nossas mãos segui-la e conservar-nos e nos aperfeiçoarmos ou contrariá-la e entrar no mal, que é a carência do bem; o mal por si não existe.

Pergunta: o castigo já está na visão deformada daquilo?

Masi: Do homem. O homem crê que sofreu um castigo, que alguém o castigou. Não! Recebeu as consequências mecânicas e matemáticas de uma escolha equivocada, de entrar em termos de escolher por antimatéria! Então, depois essa semente, seja em forma inconsciente ou pré-consciente, nos estão ditando para que automaticamente no concreto, no referente, e naquilo que nos simbolize no mundo temporal essa problemática de tipo metafísico, que apliquemos todos esses raciocínios, todos esses juízos e todas essas decisões; as apliquemos para reagir contra o que cremos ser nosso inimigo ou a causa de nossas angústias.

Então decidiremos inconscientemente: defender-nos sicoticamente ou defender-nos sifiliticamente. Se o meio não nos deixa, não nos permite, mudamos, e aí vemos a



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

mudança de miasma: por isso o nome de **Dinâmica (Miasmática)**. Porque uma vez que nos enganchamos em um **objetivo equivocado**, então já se trata de um problema de ação e reação. Eu atuo, o meio reage; ganho o jogo ou ganha o meio; sinto-me como “acalmar momentaneamente a angústia”. Porque o indício de que não são boas as reações defensivas é que quando obtenho o objetivo, depois de um primeiro momento de satisfação, me sinto desconforme outra vez, e busco outro objetivo maior: o sicótico é cada vez mais sicótico se o meio o deixa ganhar. Porque muito bem, se ponho esse objetivo, por exemplo: “*eu quero isso não me importa como o consigo, seja de forma franca, seja hipocritamente, eu vou obter*”; uma vez que o obtive, “*Ah! Que bom! Que grande sou*”. Depois de um tempo, outra vez o incômodo, a angústia: “*isto não me serve, isto é pouco*” “*Ah! Aqui está isto, vamos conseguir isto*”; e quando consegue, outra vez o mesmo processo e assim cada vez: **por isso os miasmas crônicos não têm possibilidade de cura espontânea, vão aumentando cada vez mais até a morte.**

Agora se o meio (intervém): “*eu estou desejando isso desesperadamente, porque penso que minha angústia vai se acalmar quando o consigo*”; porém se o meio não me permite, então posso aumentar, dizer: “*Não! O que acontece é que não estou fazendo tudo que devo, tudo que posso para consegui-lo*”! **Aumento meus mecanismos, aí com esse mecanismo sicótico consigo ou não:** volto a fracassar; então depois de 1, 2, 3 fracassos, digo: “*Não! Com isto que estou fazendo não acalmo nunca minha angústia, isto não me serve, então me vou, isso não me interessa, já não quero nada, quero que me deixem só*”: provo o outro miasma. O meio pode deixar ou não deixar!

Exemplo - Me cansei de lutar contra as escolas equivocadas de Homeopatia, são muito brutos, muito cabeça-dura, não entendem como são as coisas, eu não brigo mais, não vou discutir isso, vou para o campo e não me ocupo mais de Homeopatia. Se for sozinho posso conseguir, mas minha mulher pode não querer, vai dizer: “*ocê está louco, não pode sair, vai deixar tudo*”? *Eu não vou mais ver minha família, vou me enterrar aí na serra?*

Então, pode ganhar ela ou posso ganhar eu; se ela ganhar, vou estar desconforme porque não posso conseguir a solidão que anseio. Por que não posso conseguir? Porque minha mulher não quer ir comigo para o campo; então agrido-a passo a **heterosífilis**. Vê como é permanente a inter-relação? **Tudo depois de um objetivo equivocado.** Porque se chego a consegui-lo fico tranquilo, quero mais.

Exemplo - Primeiro quero ir viver no campo. Na primeira época é lindo, estou só, enfim a paz da serra, ao invés de estar discutindo com esse cabeça-dura do Processo (Sanchez Ortega); ando de manhã pelo campo com meu cavalo, que lindo isso! Depois de um tempo: os peões não entendem o que digo, não me ocupo mais do campo; que não falem mais comigo, façam o que quiserem com o campo, vocês sabem mais que eu, então



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

me fecho em casa, e já não saio de minha casa. Cada vez **mais exagerada a falsa defesa e nunca obtendo uma definitiva satisfação.**

Porém, o que quero ensinar-lhes agora que estamos trabalhando com a Matéria Médica. O que quero ensinar-lhes é o que **deve ser o princípio**, isso para uma **explicação** que lhes **permita ir diretamente à elaboração das hipóteses.** Porém, volto a insistir que para mim o mais importante de tudo isso, além da satisfação intelectual que dá encontrar que a Homeopatia seja bem coerente e clara, quando em toda nossa vida foi obscura, cheia de postulados e afirmações que não se entendia; estava como feita de retalhos, tinha que ter intuição para captar que por detrás disso havia uma homogeneidade, uma coerência, uma clareza; por isso era famoso que dissessem que a Homeopatia era para alguns privilegiados, que eram os que haviam captado intuitivamente a coisa, mesmo não podendo explicar, mas estavam muito satisfeitos; não se esqueçam de que a intuição é a forma superior de conhecimento.

Bem, à parte dessa satisfação intelectual, que nos faz ver claro tudo e com quem agora, sim, sei porque se diz isto, porque se diz isto e isto, que até agora não se entendia. Porém, o importante disso é do ponto de vista prático, o que lhes disse hoje: a dinâmica e, sobretudo, uma hipótese satisfatória sobre a Psora Primária, nos amplia imensamente o campo de aplicação do medicamento em pacientes, nos quais não tínhamos suspeitado jamais que fosse esse medicamento, porque não tinha os sintomas exatos dos experimentadores. Quer dizer, agora começa a estar viva em nós a Homeopatia. Já podemos nos desprender das quatro listas de sintomas (repertorização), que antes era tudo que tínhamos para tratar de encontrá-los em outro enfermo. Não, não, não! Agora isto é o valor que nos permite encontrar uma quantidade de sujeitos sensíveis; a forma em que apresentem o problema não me importa o assunto, podem estar seguros que o que estão dizendo: **é este “problema”** que me fez conhecer esse senhor com esse problema, com outra linguagem.

O que é que eu tenho que fazer? Eu admito que a forma superior de conhecimento é a intuitiva, porém não estamos acostumados a manejá-la, quer dizer, para nós é mais fácil o pensamento lógico, e eu sou um grande defensor do pensamento lógico; e porque sou um defensor do pensamento lógico, estou absolutamente seguro que estou certo, porque é lógico; porém, infelizmente exige uma confirmação. Portanto, se deixam aberta já não somente a hipótese da Psora Primária, senão, que da hipótese da Psora Primária deduzo essas imagens patológicas; me falta, quando se apresenta algumas dessas imagens deduzidas, dar o medicamento e ver se o cura.

Então sim, já podemos falar de algo mais que Hipótese, podemos falar de algo que passou da hipótese à coisa comprovada (tese).



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

O problema que nos surge ou que nos resta, que nos vai restar durante muito tempo e que precisamos aumentar seu campo de explicação, de aplicação de cada medicamento; porém o problema é que não temos medicamentos suficientes para ver se aparece outro (remédio) que, com outro leve matiz, nos fale de uma problemática psórica primária parecida, porém não aquela, porque cada um desses valores transcendentais, cada um desses atributos de ordem ou atributos divinos, que vemos comprometido em um problema, em uma psora primária, admite muitas possibilidades de enfoque; o tema é o mesmo, porém o enfoque é distinto, a individualidade é distinta. Então, temos um medicamento, por exemplo *Camphora*, que está nos falando de uma problemática entre **a imanência e a transcendência**; porém, não haveria outros medicamentos que enfoquem o problema entre **a imanência e a transcendência**, visto de um outro ponto de vista? O problema seria o mesmo, mas o **enfoque distinto**?

É o que lhes dizia da outra vez de *Nux vomica*, *Chamomilla*, *Staphysagria* e *Cistus*, em que o problema é a **justiça**, porém, cada um focando por um lado distinto.

Se eu tivesse encontrado um medicamento, ou se não tivesse encontrado um medicamento, ou se nunca tivesse entendido um medicamento com problemática na justiça, e o único medicamento com material para chegar a isso fosse *Nux vomica*, eu fracassaria apesar de detectar na hipótese da Psora Primária de *Nux vomica* o Tema da Justiça; detectaria em uma *Staphysagria* e não a curaria com *Nux vomica*. Diria: “*Caramba está certo ou não está certo?*” Temos que admitir essa possibilidade para não nos desconcertar.

Agora, por exemplo, uma grande quantidade de sujeitos, a quem eu dava automaticamente *Lycopodium*, dou *Arnica*, mas estou fazendo a mesma deformação; a exageração que antes fazia com *Lycopodium*, agora exagero com dois medicamentos. Porque eu detecto o Tema da Inutilidade e o Tema da Vulnerabilidade e creio que é *Arnica*; porém, não haveria outro medicamento que experimentado desse o Tema da Vulnerabilidade e da Inutilidade, com um agregado que lhe dê uma personalidade especial?

São duas as possibilidades que temos diante do fracasso:

1. Que realmente não entendemos a Psora Primária do sujeito ou do medicamento;
2. Que está bem entendido, mas existem outras possibilidades de matizes.

O que me interessa é comprovar que algumas **Arnicas** medicadas por essa dinâmica se curem, porém eu deixo aberto que haja variantes no futuro. O que me interessa é que se confirmou: esses sujeitos que pareciam *Lycopodium*, ao detectarmos os temas da inutilidade e da vulnerabilidade, lhe prescrevemos *Arnica*, e deram demonstração de que realmente estão alcançando a verdadeira cura, já está



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

confirmando a hipótese; se depois aparecerem outros sujeitos com o tema da inutilidade e o tema da vulnerabilidade que não se curem com *Arnica*, é possível que tenham um matiz de um medicamento que não conheço, que também engloba essa temática.

O que estávamos falando era que o importante da hipótese da Psora Primária e do estabelecimento da dinâmica, é que nos permite desprendermo-nos disto (Masi mostra um papel com sintomas repertorizados), porque isto foi a forma em como expressaram a problemática de *Naja*, por exemplo, 2, 3, 4 pouquíssimos experimentadores, com uma determinada cultura, com um determinado conteúdo simbólico de expressão; porém tem que haver uma enorme quantidade de sujeitos que me expressem essa mesma temática com outra linguagem, com outros sintomas e, por não termos o sintoma de acordo com o tradicional, não lhe daríamos nunca *Naja*.

O que me interessa é que o material nos permita estabelecer a hipótese geral da Psora Primária, que vai me permitir conhecer essa **temática dita com outra linguagem absolutamente diferente**, que não apareçam nem no repertório nem na Matéria Médica: essa é a riqueza, fundamentalmente, da dinâmica e da compreensão da Psora Primária.

Por exemplo: quantos sintomas lhe deu o enfermo de *Arnica*? Nenhum, mas estava gritando que seu grande problema é que se sente **um inútil**, que é como diria *Arnica*, dito de outra forma; então lhe dei *Arnica* e cheguei por uma linguagem distinta à mesma enfermidade de *Arnica*.

Ficou claro isso? Não tem nenhuma pergunta? Depois fazem perguntas quando estamos sozinhos ao invés de fazer em classe para que todos se beneficiem.

Pergunta: Quando o paciente fala o sintoma exatamente como na Matéria Médica, ao pé da letra, palavra por palavra, também pode estar havendo uma outra intenção?

Masi: Sim, é o que acontece com os sintomas comuns; por exemplo, o paciente pode me dizer palavra por palavra seu **medo da pobreza**, mas não é *Bryonia* como eu penso e sim um *Psorinum*.

Pergunta: Por exemplo, uma paciente me disse: “*eu tenho medo de dormir porque eu acho que vou morrer e não vou acordar mais*” e que só *Ledum* possui (medicamento exclusivo) e é um sintoma muito característico; achei importante e ela repete, repete, repete.

Masi: Isso é o que ocorre em nosso estado atual de Matéria Médica, de pobreza relativa, mas é pobreza. Uma Matéria Médica que nos permite, é claro, não em primeira intenção, em que temos que tratar de encontrar um medicamento que seja mais completo para o paciente, mas nos autoriza perfeitamente, quando esse medicamento que, por todos os



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

outros sintomas parecia que cobria, mas não funciona, nos autoriza a prescrever por um sintoma repetido pelo enfermo.

É o caso de uma enferma que eu atendia há 15 anos: lhe dei *Natrum muriaticum*, não via outro medicamento, e com *Natrum muriaticum* ia mais ou menos, mas nunca terminava de curá-la; troquei alguns medicamentos que pareciam alternativas e nada. A enferma se cansou e me abandonou. Passaram-se muitos anos e ela, como havia ido muito pior com a alopatia, seguia firme na Homeopatia; mudava de homeopata com bom critério; o mal não era a Homeopatia e sim o homeopata, até que ao final ninguém a curava. A última homeopata que viu foi Nora Caram e tão pouco Nora conseguiu. Nora falou: “*Porque você não volta a ver Masi?*” Ela respondeu: “*Porque já o vi e ele não me curou*”. Nora falou: “*Já se passaram 15 anos, ele progrediu muito nas investigações, volte a vê-lo*”.

Ela voltou, eu voltei a tomar o caso, voltei a revisar tudo, voltei a pensar em *Natrum*. Eu disse: “*Evidentemente não pode ser, alguma coisa está escapando*”. E vendo novamente havia um sintoma repetido permanentemente, “*Sonhava com cadáveres que ressuscitavam*” e lhe dei *Rumex Crispus*, que era o único medicamento que tem (o sintoma) e foi uma mudança espetacular - que eu já havia dado para um resfriado e repetido na 6CH algumas vezes. Não somente esse é um exemplo do valor de um sintoma, de um sintoma repetitivo.

Eu pensei: “*Não estou dizendo que o sintoma de maior hierarquia é o sintoma da imaginação? Esse é um sintoma de sonho, portanto da imaginação; não me interessa que tenha um medicamento com um ponto, que posso eu agregar ao meu conhecimento de Rumex, que pode me dar a Matéria Médica como para ver retratar totalmente esse paciente no medicamento?*”

Agora, esse caso teve muitas implicações, todas absolutamente desconcertantes, porque depois que estava melhor, me negou que havia sonhado com cadáveres que ressuscitavam; me havia dito isso durante 15 anos. Disse: “*Não! Eu nunca lhe disse isso*”. “*Eu lhe disse que sonhava com meu pai que havia morrido*”. “*Não senhora, você me disse, inclusive na última vez que voltou depois de 15 anos, voltou a repetir. Perguntei: “E seu sonho?” “Ah! Sim! Com cadáveres que ressuscitam?” Está tudo anotado aqui. Ela disse: “Não nunca sonhei com isso!”*”

E aconteceu algo pior: dei para a enferma a 10 mil, andou bem e retrocedeu; voltou a piorar, dei a 50 mil e foi uma coisa espetacular a mudança de potência, foi mais profunda a ação.

Então, agora é o momento em que algum enfermo devolve algo proveitoso para a Homeopatia. Expliquei que era um medicamento muito pequeno, é muito raro encontrá-lo: “*Eu te peço que escreva toda sua vida com a maior quantidade de detalhes*”.



Grupo de Estudos “Masi Elizalde”

Após 5 dias me chamou pelo telefone e disse: “Doutor estou muito mal novamente”. “Como está muito mal de novo”? “Sim”. Tome a 100 mil. “Não! Não me fez nada há pouco tempo, estou pior. Estou terrível, a angústia...”

Masi: “Em que momento? Aconteceu algo?”

Paciente: Vou confessar doutor: no momento em que sai do seu consultório, com essa missão que você me deu e que me parecia muito lógico que me pedisse, e pensei que tinha que me lembrar da minha infância, voltei a me sentir mal. E *Rumex crispus* nunca não fez mais nada”.

Eu não entendo, aí não entendo mais nada. Foi só ela pensar que tinha que lembrar de sua infância e escrevê-la, começou a sentir-se mal e *Rumex* já não agiu mais. Tenho que rastreá-la pelos homeopatas para ver onde está. Provei várias potências, voltei para 100 mil e nada. Não me dá a impressão que tenha melhorado senão já teria me chamado. Me cuidarei antes de pedir a biopatografia novamente.

Mas não deve ter sido o *simillimum*, porque não teria porque agravar; deve ter sido um similar, mas é o único que tem sonho com cadáveres ressuscitados.

Pergunta: Masi, *Belladonna* tem a ilusão que transforma objetos inanimados e os traz de volta à vida.

Masi: Claro poderia ser, nunca me ocorreu dar-lhe *Belladonna*. Poderia ser porque isso é outra coisa que temos que trabalhar também, por analogia.

Sem a Psora Primária, sem conhecer a Psora Primária, teremos direito a pensar, que outros medicamentos disseram algo similar que não seja exatamente “sonho com cadáveres ressuscitados”. Por aí poderíamos encontrar um medicamento mais apropriado do que *Rumex*. Assunto que no fundo quer dizer o mesmo, mesmo que as palavras sejam distintas.